



## Quem é afinal Vitor Gaspar senão um governador nomeado pelos credores?

Boaventura Sousa Santos  
sociólogo



## Sete opiniões a propósito da sétima avaliação da troika

### Uma camisa de sete varas

A sociedade portuguesa está finalmente a ver que o drama vai ser longo. Nos próximos anos o nosso futuro vai continuar a ser um triste regresso ao passado, a uma velocidade que poucos antecipavam. Gerir este “empobrecimento competitivo” de forma prolongada é o grande desafio da democracia. Nesta perspectiva como irão evoluir as atitudes políticas? E se a elite governante e as instituições democráticas conseguirem de facto fazer com que os portugueses “aguentem”?

Mesmo que a *troika* seja compreensiva nesta inspeção e as instituições credoras flexibilizem prazos, as aspirações reformistas da coligação estão-se a gorar. Sem um pacto mais alargado, é provável que a reforma do Estado seja constituída apenas por mais cortes de salários e pensões, eventualmente com despedimentos no sector público. Este Governo continuará a fazê-lo com gosto, mas o Estado não ficará mais pequeno e mais eficiente, o que é pena. Perante tudo isto, as boas notícias até podem vir do campo político. Reparem: se as atitudes políticas mudarem pouco com a crise, dando apenas uma ordem de marcha eleitoral aos nossos actuais governantes e mantendo o sistema partidário actual intacto, quererá dizer que “aguentaram”. E este não será seguramente um facto menor na democracia.

**António Costa Pinto**  
político, ICS-UL

### Recapitalizar as empresas

Consideramos fundamental a revisão do memorando, nomeadamente do ritmo da redução do défice público, com “a introdução de novas e

eficientes medidas fomentadoras da retoma da economia e criação de emprego”.

Essa revisão é necessária para que a economia saia do círculo vicioso austeridade-recessão-austeridade. Há que redefinir o papel do Estado e fazer uma profunda reforma da administração pública e do SEE (sector empresarial do Estado), sem o que não será possível reequilibrar as finanças públicas. (...)

Quanto às medidas para estimular a retoma, apontamos três prioridades. Quanto ao financiamento das PME, defendemos a criação de mecanismos de reforço dos capitais próprios ou permanentes das empresas. Para reforçar a competitividade dos sectores expostos à concorrência internacional, insistimos na redução seletiva da TSU a cargo das empresas dos sectores de bens e serviços transaccionáveis.

Para relançar o investimento, a reforma do IRC deve começar pelas medidas que constam já de autorização legislativa (...).

**António Saraiva**  
Confederação Empresarial de Portugal (CIP)

### Os vampiros

O que se espera da sétima avaliação da *troika*? A conversa do costume: a avaliação é positiva, mas é necessário mais austeridade e sacrifícios. Para eles o importante são os juros que nos cobram e os negócios que promovem para a sua clientela.

O que realmente lhes interessa é manter os privilégios dos grandes e dos poderosos, nem que para isso seja preciso 1,4 milhões de desempregados, o corte dos salários em 16,1%, a emigração forçada de milhares de jovens (...), a negação do abono de família a 400 mil crianças e a generalização da pobreza, nomeadamente dos mais idosos.

Este Governo e o memorando são os problemas que impedem as soluções! Tal como escreveu e cantou Zeca Afonso, estes são os

vampiros, que comem tudo e não deixam nada!

Há alternativas: o país para respirar precisa de renegociar a dívida, de investir na produção, melhorar os salários e as pensões. E, acima de tudo apostar na educação, na saúde e protecção social das pessoas.

**Arménio Carlos**  
secretário-geral da CGTP

### Quem nos representa?

Em vésperas de nova avaliação da *troika*, o ministro das Finanças anunciou que não vai ser possível cumprir as metas do défice fixadas no Orçamento de 2013, não vai ser possível amortizar a dívida aos fundos europeus nos prazos contratados, não vai ser possível pagar os juros acordados. Anunciou, portanto, que vai pedir mais tempo.

Nos processos de endividamento há quase sempre um momento em que os credores depois de terem espoliado os devedores, empobrecendo-os, concluem que, para continuar a cobrar, é preferível deixar os devedores respirar um pouco. É o ponto em que estamos. O que se desenha é uma reestruturação da dívida, não a reestruturação de que precisamos, mas a reestruturação à medida das conveniências dos credores. (...)

Começou a renegociação da dívida e o nosso problema é não termos quem nos defenda. Quem é afinal Vitor Gaspar senão um governador nomeado pelos credores?

**Boaventura e Sousa Santos**  
director do Centro de Estudos Sociais da U. Coimbra

### O que pode um país esperar?

O que pode um país esperar de uma combinação letal de incompetência, arrogância, ortodoxia económica e ligação a

interesses (...)? O que pode um país esperar de uma *troika* que insiste em aplicar com afino uma receita, velha de décadas, que nunca funcionou e cujos estragos só foram minorados quando se dispôs de soberania monetária, de política cambial? O que pode um país esperar de quem disse que tudo no essencial ia bem, ao mesmo tempo que se evaporaram centenas de milhares de empregos, que se fragilizou a contratação colectiva e os direitos sociais (...)?

O que pode um país esperar de quem procura disfarçar o que é inevitável e já está, aliás, em curso – uma reestruturação da dívida, mas nos tempos e nos interesses dos credores? É chegado então o momento de o país avaliar os avaliadores, denunciar o memorando e encetar um duro processo negocial que reduza o fardo da dívida e que permita recuperar instrumentos de política económica. Neste contexto, compreende-se que, nas ruas e não só, se insista em afirmar bem alto que “o povo é quem mais ordena”. Talvez no dia de 2 de Março tenha lugar a avaliação que mais conta.

**João Rodrigues, economista**  
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

### No limite do suportável

Há três aspectos que poderão levar a que haja algumas modificações no memorando. Face ao mau desempenho da generalidade dos indicadores começa a ser difícil sustentar que esta receita vai levar Portugal ao caminho do crescimento no médio prazo. Por outro lado, o crescimento significativo da tensão social levará o Governo a transmitir à *troika* a ideia de que estamos a atingir o limite do suportável. Como contraponto irá usar o facto de os mercados reconhecerem que Portugal tem sido um bom aluno, o que

permitirá que o corte de quatro mil milhões seja desfasado no tempo e uma cedência limitada relativamente ao reescalonamento da dívida. Além disso, gostava de ver algumas medidas dinamizadoras da economia e que se assumisse que o Estado social não é uma gordura, mas um “músculo” essencial que gera equidade, qualidade de vida e coesão social.

**Jorge Malheiros**  
geógrafo

### Ressuscitar o investimento

Entre o final de 2007, quando a economia atingiu o seu ponto máximo, e o final de 2013, concretizando-se a recessão de 2% esperada para este ano, a recessão acumulada em Portugal acabará por saldar-se numa contracção económica superior a 10% do PIB – de máximo a mínimo. Entre as componentes do PIB que mais se deterioraram o destaque vai para o investimento, que há 18 trimestres não regista um único trimestre de crescimento homólogo.

É, pois, no investimento, que implodiu, e sobretudo no investimento privado, que implodiu mais ainda, que reside a saída da crise, e é esta a mensagem que o Governo tem de passar à *troika*. As metas orçamentais têm de ser relaxadas, especificamente do lado da receita fiscal, permitindo que se crie em Portugal o mais competitivo enquadramento fiscal de investimento na UE, e no limite abolindo o IRC de uma só vez. Com mais empresas, mais emprego, menos burocracia, e por fim com crescimento económico, a consolidação orçamental, a estabilização da dívida pública e a reforma estrutural do Estado tornar-se-ão, todas elas, finalmente alcançáveis. (...) Caso contrário, esta será mesmo uma década perdida.

**Ricardo Arroja**  
economista